OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India......	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXI Volume — N.º 1074

30 de Outubro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

São tão amplos, e podem com tanto peso os chapeus de senhora da ultima moda, que não será demais pôr-lhes ainda em cima algumas considerações.

O *Diario Illustrado*, que tem uma autoridade muito especial para falar d'estes e outros semelhantes assumptos, dada a sua clientela do chic e do bom-tom, queixava-se um d'estes dias da enormidade grotesca d'esses chapeus, lastimava a falta de um outro Tolentino capaz de satirisar taes exageros, e acentuava em termos muito precisos como a mulher moderna desconhece deploravelmente o sentimento da proporção, todas as leis da esthetica, e as maravilhas da côr...

Em nosso entender, o que principalmente falta ao nosso bello sexo, desprovido de intuição da verdadeira elegancia, é um jornal que ás mulheres saiba falar, sem nenhum enfado, dos intimos detalhes respeitantes ao seu gosto, á sua pessoa, á sua comodidade e ao seu realce.

Dos jornaes de modas que fazem fortuna em Portugal, nenhum satisfaz áquillo que deveria ser o preciso programa d'uma publicação de tal indole. Quem quizesse innovar o verdadeiro jornal femenino, teria de deixar de parte, como primeira condição, o proposito insensato de impôr modelos de vestuario ás suas clientes.

O seu fim seria assentar em mólas novas a educação das nossas mulheres, formando-lhes o gosto e desenvolvendo-lh'o, pela obediencia pertinaz a prescripções cujo alcance, por emquanto, são ellas as menos competentes para avaliar.

Falhas de estudo, pobres de observação, ainda as mais illustres são, na maioria, incapazes de apreciar de alto toda a filosofia d'esses quasi insignificantes detalhes de *toilette*, que constituem no seu conjuncto o triumfo supremo da sua belleza.

Ora a gloriosa tarefa d'esse extraordinario jornal teria de ser confiada a um grupo de homens;

A Festa das Escolas no Parque das Laranjeiras

AS CREANÇAS DAS ESCOLAS NO PARQUE DAS LARANJEIRAS

porque é forçoso que tenhamos por indispensavel a particularidade de ser homem, para bem vestir mulheres. Mesmo no dominio incoherente e caprichoso d'essa musa inconstante, tantas vezes ridicula, da moda, se tem affirmado a superioridade artistica do homem. Worth, o alfaiate que transpunha os humbraes das Tulherias com a mesma facilidade só concedida a ministros e embaixadores, e que poude percorrer as mais inacessiveis curvas da Imperatriz Eugenia, com a mesma semcerimonia com que Napoleão percorreria Sédan — Worth executava como nenhum outro, nas fórmas inanimadas de um manequim, os mais admiraveis improvisos de graça e elegancia, de que a inventiva e a inspiração de um costureiro podem ser capazes, com alguns metros de veludo ou setim e uma carta de alfinetes...

Definidas as noções geraes, as prescripções, os conselhos, as minuciosas recommendações, que constituiriam o fundo substancial da publicação; educado por fim, neste novo rumo, o espirito das mulheres, cada qual d'ellas inventaria para si, então conforme as exigencias do seu talhe, coherente com certo defeito a esconder ou certa qualidade a realçar, e sempre obediente á preferencia das opiniões dos homens — cada mulher inventaria para si o mais rozoavel disfarce d'aquella paradisiaca simplicidade, que nos tempos de Eva se contentava d'um manto loiro de cabellos desprendidos e da verde frescura d'uma folha de vinha...

Algumas das grandes modas da historia mostram como uma ou outra mulher de espirito seguiu para seu uso este bom principio. Quem não conhece a origem da moda dos penteados cingidos por fitas de côr no tempo de Luis XIV? Bastou que um dia a formosa Mademoiselle de Fontauges se lembrasse de atar assim os seus immensos cabellos, e logo o rei lhe dissésse que muito gostava de assim a ver, para que todas as outras lhe seguissem o exemplo.

Não falemos sequer dos cosmeticos e arrebiques, da tintura dos cabellos e das sobrancelhas, das pinceladas de carmim nas dobras das orelhas e na curva das narinas, das camadas de pó de arroz que tornam prosaismo pouco limpo aquelle

Beijo na face
pede-se e dá se...

tão nosso conhecido. Na presença de taes pinturas pergunta uma pessoa onde querem as deusas que algum pagão as beije?

Outro erro imperdoavel, a despeito da inconsciencia com que é commettido na maior parte das vezes, é o d'aquellas que, julgando ter os pés demasiado grandes, os apertam tanto que d'um excesso cáem noutro excesso.

Graças á imbecil cumplicidade de pedicuros e mestres sapateiros, é difficil encontrar-se nos modernos tempos um par de pés bonitos de mulher, sem a atrofia de toda a sua natural delicadeza, elegancia e contextura engenhosa, toda a elasticidade, toda a harmonia de musculos e tendões.

Nada mais absurdo que este vulgarissimo prejuizo de só se querer a perfeição feminina consistindo na pequenez de certas partes do corpo — pés pequeninos, mãos pequeninas, bôca pequenina, cintura gargalo de garrafa. Ignoram essas damas que a verdadeira arte só admite a belleza que consiste na harmonia de todos os membros e no perfeito equilibrio das suas proporções.

Nos antigos tempos, fabricava se o calçado das mulheres sob o ponto de vista da comodidade e da belleza, desde o chapim das egypcias e a galante botina de seda e perolas das assyrias, até á *solea* das gregas e romanas. Hoje, do prejuizo que falei se originam as enfermidades e deformidades que deterioram os pés da mulher. Apertada no constante supplicio do sapatinho justo, exasperada pela dificuldade do andar toda ella se tinge da pallidez esverdeada das cólicas. A dôr contrae lhes em frenesi as linhas mais suaves da fisionomia, e de amaveis, graciosas e acariciadoras que deviam sempre ser, tornam se em breve arreliantes, implicantes, hostis.

Dos pés subindo á cabeça, entendamo-nos: porque não ha-de cada mulher limitar-se á confidencial franqueza do seu espelho, para a escolha do penteado que melhor irá com as linhas do seu rosto, e para a invenção do chapeu que se combinará melhor com o feitio do penteado? O que não é rasoavel, por exemplo, é o uso obrigatorio de bandós para todas as fisionomias, só porque a moda manda usar bandós, quando é certo que muitas dessas fisionomias não pódem pedir realce a outro penteado que não seja o que se enrola e prende ao alto da cabeça.

Quanto ao vestido, abolida a *tournure* e abandonado o balão; deixando a cauda para as *toilettes* de baile e grandes noivados — o principio a seguir não deveria ser o de considerar sempre melhor, mais agradavel ao porte e ao olhar o vestido que acentue, e frise, e sublinhe todos os detalhes da natural elegancia da mulher; aquelle que desvaneça, dissimule, esconda todos os pormenores defeituosos do seu corpo?

Porque uma dama esquelética, sem hombros, teve o subterfugio intelligente de encomendar á sua costureira as primeiras mangas tufadas, segue-se que todas as mulheres devam adoptar o mesmo excesso de mangas, ainda que possuam hombros largos e solidos como os de um tambor-mór? Porque ainda outra a quem faltasse em cólo o que sobejasse em sagacidade, apareceu num baile de vestido subido e ajustado ás claviculas, segue-se que todo o resto do sexo deva logo evitar a exposição deslumbrante de muitos cólos fartos, assetinados e lacteos?

E que boa parte da elegancia da mulher não reside ainda no espartilho, a despeito do que d'elle maldisse mestre João Jacques Rousseau, desde que se observe a necessaria regra de não prejudicar a flexibilidade natural da cintura, em desalmados esticões das fitas d'esse espartilho!

Longe do chronista o proposito obstinado de censurar um sexo, sem o qual tão desagradavel nos seria o peso da existencia. Mas a verdade é que ainda parece vir bem longe o tempo em que a mulher inicie, deliberadamente, a sua emancipação do jornal de modas tal como elle hoje é feito, insensato, illogico e ridiculo...

João Prudencio.

A FESTA DAS ESCOLAS

Com o bilhete, que a inspecção escolar fez o favor de me oferecer, entrei no parque das Laranjeiras, onde, outr'ora entravam os diplomatas e a nobreza do reino ao toque da varinha magica do conde de Farrobo, varinha de ouro, para melhor dizer, com que fez daquelle recinto um mundosinho de arte, de riqueza e de bom gosto, desde a entrada do palacio pelos salões e teatro, onde se realisavam festas principescas a que assistiam reis com o sua côrte, e causaram espanto em Lisboa, que vivia então envolta na modesta mediania do capote e lenço e da sobrecasaca de briche fino. Que luxo deslumbrante, que de ouro espalhado a flux naquella vivenda de nababo, em saraus, recitas e concertos pelos primeiros artistas estrangeiros; os falados serões em que se cultivava literatura e se discutiam as modas de Paris e a politica do tempo, fazendo e desfaz ndo governos, emquanto no parque rugiam as féras enjauladas, trazidas dos distantes sertões da Africa e da Azia, com as plantas mais exoticas que pela primeira vez eram vistas em Portugal.

De toda esta opulencia ainda hoje vê os restos quem entra no formoso parque, e se ali já não ressoam os écos das festas aristocraticas, acordaram agora ás vozes infantis de milhares de bocas pequeninas de labios vermelhos como papoulas, entoando himnos e canções em caudades de alegria e de amor innocentes.

Assim abriu o parque as suas portas a quatorze mil creanças que se espalharam em bandos mal contidos, como aves irrequietas aspirando a alarem-se na ampla liberdade dos ares. Aqui e acolá milhares de cabeças juvenis formavam como que enormes ramos de flôres louçans, de variado colorido nas côres das fitas que lhes laçam os cabelos, flutuando ao capricho do vento que os agita. As vozes confundem-se num côro argentino e vivaz, que em ondas de sons se repercurte no espaço espalhando a alegria e a vida exuberante de ceiva, que tudo reanima.

Até eu com as seis decadas e meia de annos que me pesam, senti remuçar-me no meio de tanta mocidade, de tanta vida, como tocado por poderosa corrente eletrica que me comunicasse toda aquella vitalidade que inundava o parque das Laranjeiras.

Pelas ruas cordões de policia não sei bem se guardam as féras, presas e tristes nas suas jaulas, se as creanças livres e alegres que se agrupam á sombra do arvoredo quando a ramaria não deixa escapar um ou outro raio de sol que vem beijar tantas carinhas resonhas.

Ouvem-se tocar as bandas marciaes; o orfeon das creanças entôa seus cantos infantis e os passaritos respondem lá de cima das arvores saltitando de ramo em ramo, com seus gorgeios saudando-as como saudam o despontar das auroras.

Está-se em plena festa, sob o ceu azul iluminado de sol.

Chega El-Rei que vem presidir. Acompanha-o o sr. presidente do conselho, o inspector das escolas e mais pessoal superior.

Ressoam palmas e soltam-se vivas. São as creanças que saudam o seu Rei imberbe, jovem como ellas que lhe sorriem e o aclamam. Rompe o himno da bandeira cantado pelo orfeon infantil, e depois o himno nacional tocado pelas bandas militares; os vivas continuam e a corrente de entusiasmo transmite-se a todos, numa calorosa aclamação.

E' impossivel ouvir o discurso oficial do sr. ministro do reino, no meio do borborinho alegre de milhares de creanças, e quando El-Rei destribue os diplomas aos estudantinhos premiados, salvas de palmas e aclamações de jubilo tanto acolhem estes como o monarca, que os abraça e beija comovido e comovendo todos os circunstantes.

Para muitas mães seria aquelle o maior premio que seus filhos recebiam porque lhes tocava o coração, e o sentimento é tudo neste povo bom e docil a quem um sorriso ou uma lagrima comove mais que todo o ouro do mundo. Se elle na sua simples linguagem o diz: «não me dêem nada mas mostrem-me bom modo».

De aclamação em aclamação foi El-Rei D. Manuel seguindo até ao mirante, em frente do pavilhão onde fez a entrega das bandeiras, que a Liga Naval oferecera para as escolas. Os estudantes mais gradoados é que as recebem das mãos de El-Rei, que, por fim, em breves palavras de incitamento ao estudo e ao trabalho se lhes dirigio, como a seus camaradas, que elle tambem estuda e trabalha para o engradecimento da patria, contando com essas creanças de hoje, que serão os homens de amanhan, para o ajudarem na grande obra.

O silencio, que a custo se fez para ouvir o Rei, logo se quebrou e ruidosas palmas e vivas explodiram aplaudindo aquellas palavras.

A festa continua e agora vão desfilar por deante de El-Rei os colegios, em forma.

Na rotunda do parque, onde se levanta um obelisco, armara-se na frente uma barraca de campanha para El-Rei assistir á passagem das escolas oficiaes, em numero de 64 alem da Casa Pia, Asilo Maria Pia, colegios de Campolide e Arriaga e mais 6 particulares.

Rompe a marcha os alumnos da Casa Pia, em numero de 400, com a sua banda tocando o himno nacional a que todos se descobrem. Segue-se o Asilo Maria Pia com 250 alumnos e banda, e depois vem marchando as escolas oficiaes de ambos os sexos, algumas que trazem a bandeira que lhes foi entregue por El-Rei, a que todos se descobrem á sua passagem. Os colegios particulares vão por fim e o de Campolide fecha o cortejo com sua banda e bandeira tambem.

Mais de uma hora levou este desfilar de 14:000 creanças, que na sua passagem cortejavam o Senhor D. Manuel, que lhes correspondia agradavelmente. Muitas dellas se abeiravam do Rei e lhe atiravam flôres, e uma creança bem pequenina bradou na sua vozinha infantil: — Viva o rei de Portugal! —, viva que foi acolhido entre risos e palmas.

Assim acabou a festa.

A impressão que ella me deixou falou me mais ao sentimento do que á razão. Sob o ponto de vista sentimental commoveu-me tanto como, segundo creio, commoveria todos que a ella assistiram, a razão porém segredou-me mil cousas que me entristeceram, perguntando-me, entre outras, pelos progressos reaes que o ensino tem feito neste país, o ensino e a educação, que sem esta de pouco aproveita.

Nas côrtes me recordo de ainda não ha muito um membro do governo ter dito a proposito da instrução publica, «que instrução já a havia até demais, assim houvesse educação». Disse em parte uma verdade, mas se essa instrução que o ministro achou demasiada, correr de parelha com a educação, tem-se perdido o tempo e os magros tostões que o Estado dispende com a instrução publica.

A rotina prevalece porque o meio não produz outra coisa. O ensino no geral dessas escolas molda-se ainda pelas formas teoricas, nada intuitivas e muito menos explicadas nas coisas mais comisinhas. Onde ha os professores babilitados e condignamente remunerados que ministrem o ensino como elle hoje se faz nos paises mais cultos, onde se cuida a serio da educação do povo? Onde as escolas devidamente installadas para o ensino pratico como, por exemplo, se

faz na Casa Pia de Lisboa, em que se educa e instruem os alumnos para a vida do trabalho, da grande luta que é hoje maior do que nunca?

Não se atenta que só com uma geração devidamente educada se poderá vencer a grande distancia que nos separa dos povos mais civilisados.

Como querem legislar para cinco milhões de homens em que quatro partes são de analfabetos e uma parte tem educação e instrução defeituosa que lhe deprime todo o esforço individual?

Onde falta a materia prima nada se póde fabricar, e a materia prima neste caso, é a instrução necessaria para a época em que vivemos.

Muito ha que explanar sobre este tema, mas apenas de passagem revelo uma das taes mil coisas que a rasão me segredou ao terminar a festa a que assisti das innocentes creanças, para as queaes se apela para o salvamento da patria.

Caetano Alberto.

Adriano Anthero

A Historia Economica

Volumes II e III

Edade Media — Na Penitenciaria
Entre o breviario

Já data de muito mais d'anno a vinda á luz do 2.º tomo do magnifico trabalho do sr. dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, e desde muito, pois, me corria a obrigação de sobre elle, bem como o fizera com relação ao 1.º tomo, haver dito o meu sentir, para assim corresponder, ainda que com bem diminuta quota, não para resgate ou diminuição do subido credito por que a s. ex.ª me confesso devedor, mas apenas para mostra e testemunho da admiração sempre renovada e acrisolada, e cada vez mais viva, que desde muito voto e dedico á excellentemente cultivada intelligencia do consagrado causidico, distinctissimo poeta, publicista e orador, e ao monumento tão variado quão primoroso e sugestivo que elle tem levantado nas letras patrias e que seu nome honra entre os contemporaneos e registará para o futuro.

Isso teria eu feito, sem delongas sobre a publicação do excellente volume, como o effectuei com respeito ao que o precedeu, dando d'elle noticia no n.º 148 do anno de 1905 na *Epoca*, se não fôra, ao arrepio da boa vontade que para isso havia, terem-m'o estorvado diversos motivos, a ella alheios, um dos quaes a difficuldade que ha em obter lugar na imprensa periodica de Lisboa, sempre atarefada com a reportagem politica, com a de soalheiro e com os reclames e annuncios, para qualquer trabalho ou noticia literaria, ainda que sahido aquelle de penna auctorisada, e referente esta a obra d'incontestada valia. No periodicismo as letras que têm maior curso, e quasi sómente o têm, são as de cambio quando bem abonadas.

Jamais é, porém, tarde para trazer a publico a impressão que sulcam e deixam em nosso espirito as obras que contam nas boas letras, e por isso tal venho agora fazer e não só sobre o indicado volume da *Historia Economica*, mas ainda tambem sobre o seu 3.º ultimamente sahido ao lume da publicidade.

Feita no 1.º tomo da obra a exposição desenvolvida quanto possivel, e por igual documentada, dos successos economicos durante a Edade Antiga, desenrolam-se os acontecimentos similares durante a Edade Media nos 2.º e 3.º tomos, os a que respeitante esta noticia.

O primeiro d'elles é dividido em 12 capitulos cuja substancia se acha compendiada n'um como que final sob a epigraphe de «recapitulação». No inicial d'elles apresenta-se e desenvolve-se por modo altamente, sobre sabido, criterioso, idéa geral do movimento economico na Edade Media, constituindo-se com elle quadro luminoso e suggestivo onde, com um simples lance d'olhos, se abrange tudo o que de mais saliente e importante succedeu nas relações economicas durante o referido e longo periodo, immenso laboratorio em que se creou e fundiu e de que sahiu a sociedade moderna. Nos capitulos seguintes é desenvolvido a largos mas caracteristicos traços o assumpto esboçado n'esse primeiro, com relação aos povos em que melhor e principalmente se accentuou o movimento economico da Edade Media, observando-se na exposição assim feita, quanto possivel, a ordem chronologica dos factos.

Em tal modo é o 2.º capitulo consagrado a Gregos ou Bysantinos; o 3.º aos Arabes; o 4.º á Italia em geral; o 5.º aos Venezianos; o 6.º aos Genovezes; o 7.º aos Amalfitanos; o 8.º a Pisa; o 9.º aos Florentinos; o 10.º ás outras cidades e regiões da Italia e visinhanças; o 11.º aos Italianos na região do Mar Negro ou Ponto Euxino; o 12.º á Asia e á Africa, áquella com relação aos seus paizes mais notaveis e conhecidos d'essa epoca, a esta com referencia ao Egipto.

Seguindo em igual esteira o 3.º volume da *Historia Economica*, em que se terminam os factos d'esta concernentes á Edade Media, foi dividido em 6 capitulos, respectivamente adstrictos: o 1.º aos Hollandezes; o 2.º aos Allemães; o 3.º aos Francezes; o 4.º aos Inglezes; o 5.º aos Espanhoes e o 6.º aos Portuguezes, encerrando-se com uma rapida recapitulação de tudo o abrangido pelo tomo.

A rapida e por isso bem succinta noticia, apenas *per summa capita*, que acabo de traçar sobre esses dous tomos da *Historia Economica*, e o pouco que do muito que ellas valem e merecem, fica registado, não são se não frouxa e apagada imagem de sua excellencia e do levantado conceito em que devem ser tidos, podendo eu bem, em face d'elles e do que os precedeu, que para isso offerecem todos garantia segura, futurar que os que se lhe seguirem continuarão a trilhar a ampla, radiante e formosa estrada tão auspiciosamente encetada e seguida, e levarão a bom fim a excellente, preciosa obra, unica no seu genero na nossa literatura e que como classica ficará sendo tida em sua especialidade e indisputavelmente da maior importancia.

Dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto

De tal magnitude é o emprehendimento da *Historia Economica* e por tal modo vae sendo alçado o magnifico monumento que ella virá a constituir, quando concluida, que ainda que seu preclarissimo auctor não houvesse outros titulos, que não este, á benemerencia e applausos publicos, mais que bastante elle a bem e plenamente os enleiar e justificar.

Não vae n'esta minha affirmativa mais do que a despida expressão da verdade, e fio eu bem das excellencias da obra o não poder haver desmentido para aquella da parte dos que a percorram e assim alcancem a grandissima importancia e bem manifesta valia que lhe imprimiu o sr. dr. Adriano Anthero á custa de prolongado e fadigoso trabalho, guiado e illuminado por sua intelligencia priviligiada e por criterio de todo o ponto sagaz e seguro.

Com assim consagrar o incansavel e benemerente trabalhador o têmpo que póde feriar de seu labutar profissional, quer como advogado, tornando-se um dos mais distinctos causidicos do foro portuguez, quer como professor do Instituto Commercial e Industrial do Porto, em que com incontestada e a melhor reconhecida competencia rege a cadeira de Geographia e Historia Economica e Commercial, o que bem comprovado com a obra a que atraz me refiro, não deixa elle inteiramente ao abandono as boas letras, restrictamente taes, a que desde todo o tempo tem sido affeiçoado, e de vez não depoz a lyra e o plectro que culto tão fervoroso lhe tem sempre merecido, e assim é que entre o 1.º e o 2.º tomo da *Historia Economica* trouxe a lume poemeto extrahido da obra inedita *O poema da vida*, sob a denominação de *Na Penitenciaria*, e já depois de publicado o seu 3.º tomo um outro poemeto sacado do mesmo *Poema da vida*, intitulado *Entre o breviario*.

O primeiro é grito lancinante de dôr sahido e rompido do mais vivo e mais intimo do ser de um pae trahido pela esposa e pelo amigo que aconchegadamente acolhera em seu lar, os quaes ambos assassinou n'um relampago de desvairamento por, além da honra, lhe quererem roubar a filha idolatrada, explodindo como recordação e em prol d'esta, de dentro do apertado ermo, soturno e acabrunhador ambito da penitenciaria, em que anceiada e dolorosissimamente expia pena que a outros bem melhor caberia...

Entre o breviario é narrativa cujo fundo, em sua essencia, identico ao da *Na Penitenciaria*, a traição de uma mulher — sempre em tudo a mulher — *toujours la femme*, n'este caso, porém sem menospreso da fidelidade conjugal, pois que, dando-se a quebra dos juramentos feitos, ainda quando não unidos pelos laços do casamento os dous. O amante trahido vendo a eleita do seu coração nos braços d'outro, quasi endoidece de dôr e pensa na morte, mas a fé resgata-o ao culto dos altares. O habito que veste, a prece de todos os dias e momentos, o sacrificio incruento em que tantissimas vezes elle officia, cousa alguma póde apagar-lhe da lembrança a imagem da que tanto amou e ainda ama, e sempre a tem presente aos olhos da alma, e a vê retratada ante si com os do corpo...

Chamado em noite de tormentosa agonia para assistir aos ultimos momentos de uma pobre mulher, corre a fazel-o e encontra a moribunda deitada sobre alguma palha em estancia nua... Ouve-a de confissão e por esta reconhece na desgraçada, desfigurada pela miseria e pela dôr, aquella que tanto amara e ainda ama...

Pronuncia n'uma ancia o seu dulcissimo nome de Maria, e ella ao ouvir-se chamar pelo que tanto amara tambem, e trahira, arrependendo-se, já tarde, de haver despresado seu amor purissimo pelo de um miseravel, morre n'um ultimo arranco... E elle n'um louco e irreprimivel desejo abraça-se na morta, «imprime-lhe um beijo d'amor e de paixão»...

Os versos em que vasados os dous pungentissimos dramas, tão humanos quão lastimosos, do *Na Penitenciaria* e *Entre o breviario*, são, ora de um vigor, ora de uma doçura extraordinarios, e encantando o ouvido com suas harmonias e melodias, calam profundamente no animo de quem os lê, e ahi deixam nota duradoura. São um primôr de essencia e fórma.

Escasseia-me — ai de mim! — espaço para mais e por isso aqui cerro o que me é permittido dizer dos tres peregrinos trabalhos sahidos do bem dotado e bem provido engenho do sr. dr. Adriano Anthero, a que é consagrado este artigo.

Lisboa, 9 de maio de 1908.

Rodrigo Velloso.

O Castélo de Guimarães

O *Diario do Governo* do dia 8 do corrente publicou o decreto, que considerou o Castélo de Guimarães monumento nacional, coisa, emfim, que ao venerando castélo historico, de ha muito cabia, e que no espirito de todos os portuguêses, mais ou menos conhecedores da historia patria, estava assente e se impunha, sabendo-se que elle era o berço da monarquia e coevo da nacionalidade portuguêsa, no que só lhe leva deanteira o Castélo de Lisboa, cuja origem se perde na distancia dos tempos, para além do dominio arabe na peninsula.

O titulo, pois, de monumento nacional, andava no espirito das gerações que se tem sucedido nesta nacionalidade de nove seculos, em que cada uma foi acrescentando sempre novos fôros de gloria ao vetusto Castélo, teatro de tantos feitos heroicos.

Sem irmos agora esmiuçar a sua historia, passemos de relance o solar dos condes D. Henrique de Borgonha, onde nasceu a 25 de julho de 1109, D. Affonso Henriques, fundador da monarquia portuguêsa.

Sem nos determos a referir as cenas de discordia que a dentro de seus muros se deram entre o conde D. Fernando Peres de Trava com a rainha D. Thereza, que lhes valeu o ser expulsa do go-

A Festa das Escolas no Parque das Laranjeiras

verno; sem historiar o apertado cerco que D. Affonso VII de Leão poz ao Castélo de Guimarães, em 1127, e em que aparece Egas Moniz, o honrado aio de D. Affonso Henriques, a empenhar a sua palavra com o rei leonez para levantar o assedio, encontram-se a cada passo factos historicos ligados ao venerando Castélo, como o da resistencia que ali fez o seu alcaide Mem Rodrigues de Vasconcellos, aos ataques do infante D. Affonso e da sua tropa, quando delle se queria apossar, em 1323, como de outros castelos se havia assenhoriado, na revolta em que andava contra seu pae, o rei D. Diniz, acendendo pelo reino a guerra civil, que só sua mãe, a rainha D. Isabel (depois Santa) conseguiu apagar e fazer as pazes entre pae e filho.

Annos depois, no reinado de D. Fernando I, este monarca sedusido pela corôa de Castella, que fidalgos e prelados castelhanos lhe vieram

1.º Coronel Vasconcellos. — 2.º Conselheiro Ferreira do Amaral, Presidente do Conselho. — 3.º S. M. El-Rei D. Manoel. — 4.º Major Antonio Waddington, Inspector das Escolas.

CHEGADA DE SUA MAGESTADE E COMITIVA AO PARQUE DAS LARANJEIRAS

oferecer, para destronarem Henrique II, o fraticida que assassinara seu irmão D. Pedro I, o Cru, para se apossar do reino, trouxe a Portugal os asares de uma guerra com Castéla, donde resultou um vigoroso assedio que Henrique II veio pôr a Guimarães e ao seu Castélo, de que este mais uma vez ficou triunfante.

Quando o mestre de Aviz, proclamado rei D. João I, se foi pelo reino sujeitar á sua obediencia os castelos e povoações, é no Castélo de Guimarães que encontrou obstinada resistencia, pois o alcaide Ayres Gomes da Silva, com os seus oitenta annos e os seus oitocentos homens que o defendiam, não o queria entregar, fiel ao rei de Castella, capitulando só ao fim dos numerosos assaltos e quando se viu perdido.

* * *

O Castélo de Guimarães com as suas sete torres qua-

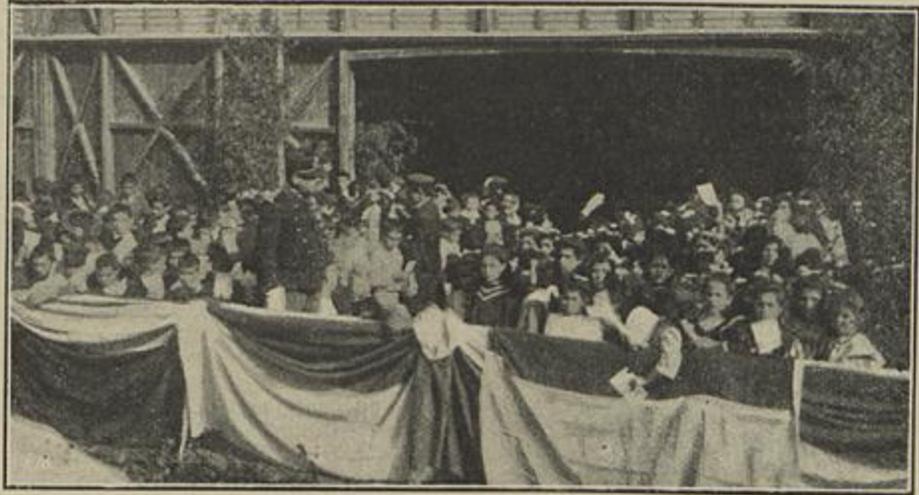
S. M. EL-REI DISTRIBUINDO AS BANDEIRAS ÁS CREANÇAS PREMEADAS E RECEBENDO AS OVAÇÕES QUE ESTAS LHE FAZEM

O DESFILAR DOS COLEGIAES COM AS BANDEIRAS

A Festa das Escolas no Parque das Laranjeiras

drangulares ligadas por lanços de muralhas ameiadas, elevando-se ao centro sua torre de menagem, tambem quadrangular e ameiada, ergue se mais para o norte, em colina pouco elevada, presidindo ao velho e venerando burgo que deu origem á vila e hoje cidade de Guimarães.

A sua situação é das mais pitorescas, como de resto é toda a provincia do Minho de verdejante e exhuberante vegetação, e os horisontes que do alto de suas torres se descobrem de indescritivel belêsa. E' o exemplar mais puro e melhor conservado que existe no país, de fortaleza do seculo X.

Mas além desta circunstancia de todo o ponto apreciavel, tem ainda a de conservar, tanto quánto possivel, o paço do conde D. Henrique, como uma das maiores curiosidades para vêr. Essa residencia, meio derruida, que foi tambem paço de D. Affonso Henriques, que ali nasceu, como ficou dito, dá boa ideia da modestia e simplicidade do viver daquelles tempos, que mal se compreende hoje, atravez do fausto de que a realesa, principalmente, se foi revestindo até nossos dias.

O orfeon infantil regido pelo maestro Domingos Caldeira, de Infanteria 2

Alunos premeados

O paço tem dois andares baixos e acanhados, suas janélas são quadradas de verga direita e divididas a meio por um pilar de pedra, sextavado, constituindo isto curioso estudo sobre a arquitetura dos secculos x e xi, em que o estilo gotico ou ogival ainda não existia em nosso país. A sala principal apenas tem duas janélas nos seus extremos e uma tôsca chaminé; os restantes aposentos, que são poucos, deixam vêr, apesar da ruina, quanto eram mesquinhos e simples.

Não podia ser mais pobre, para assim dizer, a habitação real, e quando o soberano tão parcamente vivia, que se poderá pensar do viver dos seus vassalos!

Com que humildade este reino se fundou, só engrandecido pelo valor das armas de seus filhos, e como elle viveu pobre até ao seculo xvi. Então vieram as riquezas do Oriente, trazidas pelos navegadores portuguêses, deslumbrar este povo, que se lançou em sua busca, com tanta gloria como proveito. Que de riquezas entesourou, dispendeu e deu, e ainda lhe restam, depois de largamente delapidadas, por todos os cataclismos humanos e cosmicos, que tem devastado este país!

O Castélo de Guimarães é, emfim, oficialmente considerado monumento nacional; quando se decretará egual titulo para o castélo de Lisboa?

O CASTÉLO DE GUIMARÃES, considerado monumento nacional por decreto de 8 do corrente

Centenario da Guerra Peninsular

Tratado de 1810

O documento a que alludo e de que tenho diante de mim um exemplar de impressão official, diz assim no frontispicio:

Tratado
de
Amizade, e Alliança
entre
Os muito altos,
e
Muito poderosos Senhores
O Principe Regente
de Portugal,
E Elrey do Reino Unido
Da Grande Bretanha e Irlanda
Assinado no Rio de Janeiro
Pelos Plenipotenciarios
De Huma e Outra Corte
Em 19 de fevereiro de 1810
E ratificado por ambas

No preambulo do mesmo documento, lê-se o seguinte:

«Em Nome da Santissima e Indivinivel Trindade.

Sua Alteza Real o principe regente de Portugal, e Sua Magestade El-Rey do Reino Unido da Grande Bretanha e Irlanda estando Convencidos das Vantagens que as Duas Corôas tem tirado da perfeita Harmonia e Amizade que entre Ellas subsiste ha quatro Seculos, de huma maneira igualmente honrosa á Boa Fé, Moderação, e Justiça de Ambas as Partes, e reconhecendo os importantes, e felizes effeitos, que a Sua Mutua Alliança tem produzido na presente Crise, durante a qual Sua Alteza Real O Principe Regente de Portugal (firmemente unido á Causa da Grande Bretanha, tanto pelos Seus proprios principios, como pelo exemplo de Seus Augustos Antepassados) tem recebido de Sua Magestade Britannica o mais generoso, e desinteressado Soccorro, e Ajuda, tanto em Portugal, como nos Seus outros Dominios, Determinarão, em beneficio de Seus respectivos Estados, e Vassallos, fazer um solemne Tratado de Amizade, e Alliança;...»

Seguem-se os nomes e os titulos dos plenipotenciarios, que eram, de Portugal, D. Rodrigo de Souza Coutinho e de Inglaterra, Lord Strangford.

Comprehende o tratado onze artigos, de que importam ao melhor esclarecimento do nosso assumpto os quatro que o abrem e que vou, pela sua ordem, transcrever na integra:

«I — Haverá uma perpetua, firme, e inalteravel Amizade, Alliança Defensiva, e estricta e inviolavel União entre Sua Alteza Real O Principe Regente de Portugal, Seus Herdeiros e Successores, de huma Parte, e Sua Magestade El-Rey do Reino Unido da Grande Bretanha e Irlanda, Seus Herdeiros e Successores, de outra parte, e bem assim entre Seus respectivos Reinos, Dominios, Provincias, Paizes, e Vassallos; assim como que as Altas Partes Contractantes empregarão constantemente não só a Sua mais seria Attenção, mas tambem todos aquelles meios, que a Omnipotente Providencia tem posto em Seu Poder, para conservar a Tranquillidade e Segurança Publica, e para sustentar os Seus Interesses Communs, e Sua mutua Defeza e Garantia contra qualquer Attaque Hostil; tudo em conformidade dos Tratados já subsistentes entre as Altas Partes Contractantes, as Estipulações dos quaes, na parte que diz respeito á Alliança, e Amizade, ficarão em inteira Força, e Vigor, e serão julgadas renovadas pelo presente Tratado na sua mais ampla interpretação, e extensão.

«II — Em consequencia da Obrigação contractada pelo presente Artigo, as Duas Altas Partes Contractantes obrarão sempre de commum accordo para conservação da Paz, e Tranquillidade, e no caso que alguma d'Ellas seja ameaçada de hum Attaque hostil por qualquer Potencia, a Outra empregará os mais efficazes e effectivos bons Officios, tanto para procurar prevenir as Hostilidades, como para obter justa e completa satisfação em favor da Parte Offendida.

«III — Em conformidade desta Declaração, Sua Magestade Britannica convem em renovar, e confirmar, e por este renova, e confirma Sua Alteza Real O Principe Regente de Portugal, a Obrigação contheuda no Sexto Artigo da Convenção assinada em Londres pelos Seus respectivos Plenipotenciarios, aos vinte e dous dias do mez de Outubro de mil oitocentos e sete, o qual Artigo vai aqui transcripto com a omissão sómente das palavras «*Previamente a Sua Partida para o Brazil*» as quaes palavras seguião immediatamente as palavras «*Que Sua Alteza Real possa estabelecer em Portugal.*»

«Estabelecendo-se no Brazil a Sede da Monar-«quia Portugueza, Sua Magestade Britannica «promette no Seu proprio Nome, e no de Seus «Herdeiros, e Successores, de jámais reconhe-«cer como Rey de Portugal outro algum Princi-«pe, que não seja o Herdeiro e Legitimo Repre-«sentante da Real Casa de Bragança; e Sua Ma-«gestade tambem Se obriga a renovar e manter «com a Regencia (que Sua Alteza Real possa es-«tabelecer em Portugal) as relações de Amisade, «que ha tanto tempo tem unido as Corôas da «Grande Bretanha, e de Portugal.

«E as Duas Altas Partes Contractantes igualmente renovão e confirmão os Artigos addicionaes relativos á Ilha da Madeira, assinados em Londres no dia deseseis de Março de mil oitocentos e oito, e se obrigão a executar fielmente aquelles de entre elles que ficão para serem executados.

«IV — Sua Alteza Real O Principe Regente de Portugal renova e confirma a Sua Magestade Britannica o ajuste, que se fez no Seu Real Nome, de inteirar todas e cada huma das perdas, e defalcações de Propriedade soffridas pelos Vassallos de Sua Magestade Britannica em consequencia das differentes medidas que a Côrte de Portugal foi constrangida a tomar no mez de Novembro de mil oitocentos e sete. Este Artigo deverá ter o seu completo effeito, o mais breve que for possivel, depois da Troca das Ratificações do presente Tratado.»

Bosquejei ao de leve, precedentemente, e até mesmo não consegui evitar que ficassem obscuros, alguns pontos que os artigos transcriptos auxiliam a comprehender e que, pelo menos, se me afiguram de bom aviso como optimo despertador da curiosidade investigadora dos leitores estudiosos.

Perguntarei agora: os inglezes valeram-nos de muito na conjunctura das invasões francezas?

No volume — *A Inglaterra, Portugal e Suas Colonias*, por José d'Arriaga, está uma resposta n'estes periodos da *Introducção:*

«Não convinha á Inglaterra que Portugal se libertasse por si mesmo e sem o seu auxilio.

Urgia complicar-lhe as suas difficuldades, aggravar-lhe os males, assassinar os seus filhos mais queridos, a fim de o manter na dependencia, e, a pretexto de serviços prestados, exigir-lhe depoisexcessivas indemnisações e pesadas recompensas.

Encontrando-nos fracos, conseguiu mandar em nossa propria casa, tratando-nos como nação inimiga e conquistada, fazendo em nosso nome convenções humilhantes para Portugal e inclusivamente cedencias de territorio, sem pedir o nosso consentimento!

Foi para isto que Beresford levou ao supplicio Gomes Freire de Andrade, no momento em que este, na sua obra notavel sobre a defesa do paiz, procurava demonstrar que Portugal podia levantar um exercito nacional enorme, para resistir a qualquer invasão do estrangeiro.»

Ha evidente exagero e desnecessario emprego de vocabulos mal soantes nos anteriores assértos do escriptor José d'Arriaga; mas não obsta o reparo, ao reconhecimento de que tambem se acha contida funda verdade nos mesmos assértos.

Quanto a Beresford, todavia, sob o ponto de vista militar, é incontestavel que os seus serviços foram de ordem relevantissima e que contribuiu sem contestação possivel, por forma directa, para a organisação e disciplina do nosso exercito.

A Wellington coube um papel de mais subida proeminencia nos negocios da guerra e, sendo certo que defendeu acima de tudo os interesses da Inglaterra, que deixou devastar o nosso paiz pelos seus soldados e que, com a Convenção de Cintra sanccionou todas as depredações e extorções de Junot, sendo isto certo não o é entretanto menos, que nos foi instante e sympathica a sua presença como conspicuo e prudente generalissimo das forças anglo-portuguezas.

D. Francisco de Noronha.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

de

OUIDA

XII

(Continuado do n.º 1073)

Quando no campanario de S. Marcos soaram as tres horas, ella esperou-o só na sua sala favorita, vestida de branco, com um ramo de rosas chá no peito; estava doida de alegria; mirava-se a todos os espelhos, que eram muitos, e achou-se tão linda como o lindo dia de junho.

— Quão bella vae ser a nossa vida! — pensava ella. — Pobre creancinha morta! Foram as suas mãosinhas que nos uniram. Talvez seja agora um anjo de Deus, e estará sempre comnosco!

Ouviu o chapinhar dos remos na agua junto das escadas, em baixo; passos que subiam essas escadas; a voz do seu creado grave que falava. Era elle! Levou a mão ao coração, que batia com tanta força que as folhas das rosas cahiam; persignou se e murmurou uma oração; tanta ventura parecia lhe credora de agradecimento.

Pela vista das ante camaras veiu a figura de um homem. Mas não era a de Adrianis.

Damer dirigiu se para ella com o seu rosto calmo e sem expressão, o olhar attento, e o seu ar de auctoridade e de indifferença.

— Esperaveis o principe Adrianis — lhe disse elle. Sinto dizer-vos, madame, que elle está impossibilitado de cumprir a sua palavra. Apanhou a doença do pequeno do barco que morreu esta manhã. Tem o que vulgarmente se chama diphteria.

XIII

Estava Adrianis na grande sala onde, dois mezes antes, elles tinham jantado juntos á noite depois de encontrarem o collar de opalas. Damer tinha lá mandado pôr uma cama ao meio da casa, por haver mais ar, proveniente das quatro janellas, do que podia ter na alcova contigua. Não disse o verdadeiro nome da doença ás pessoas que habitavam no hotel; falou apenas de frio e de febre causada do mergulho á hora do calor do meio dia na agua immunda do canal, e usou da mesma reserva com o medico da terra, a quem teve a delicadeza de chamar.

— O principe é muito rico — disse elle — pagará qualquer damno que houver, qualquer renovação de mobilia, tapetes e cortinados.

Não occultou de Adrianis a verdade.

Com effeito, Adrianis disse-lhe com voz rouca e fraca:

— Tenho a doença da creança. Curae-me, se puderdes, porque...

Não disse porque a vida lhe era agora mais encantadora do que nunca, mas as lagrimas marejaram-lhe os olhos, e o outro percebeu o que ficara por dizer.

Quando deram tres horas da tarde na torre do relogio, para a banda do sul do hotel, elle ergueu a cabeça, e, com um gesto de desespero, disse a Damer:

— Ella espera-me Ide explicar lhe; dizei-lhe que estou doente — que me levantaria e cumpriria a minha palavra, ainda que morresse a seus pés, mas receio, temo o contagio — por ella.

— Deixae vos estar onde estaes, e é provavel que dentro de poucos dias estareis bem — disse Damer. — Stefanio ficará comvosco, e eu levarei o recado. Não terei demora. Entretanto o homem sabe o que ha de fazer.

Stefanio era o creado.

Até elle sahir da sala seguiram no, com pesar e angustia, os olhos de Andrianis. Não estava ainda tão doente que a apathia da enfermidade no seu auge lhe adormecesse os desejos e matasse as saudades. Eram ambos intensos como a vida era intensa n'elle. Por si, ter se-ia levantado e arrastado até á Ca'Zaranegra; porém, como dissera, arreceava se, por causa d'ella, da infecção que haveria na sua voz, no tacto, na respiração, na sua simples presença.

Recostou-se, olhando pensativo para as grandes janellas cheias de sol, apenas cobertas pela gaze dos mosquiteiros. Podia ouvir o ruido do embate da agua, em baixo, no canal, quando os vapores passavam para cima e para baixo; o ruido mais fraco, quando os remos a fendiam, e um dos angulos dos marmores da Salute, com dois pombos, a par um do outro, limpando as pennas ao sol.

Por ora não estava assustado, mas dominava o profunda tristeza; suspirava por se levantar e andar ao ar livre, e não menos por se vêr na presença da sua bem amada, por lhe pedir uma e muitas vezes a confissão que lhe era tão cara; ouvil-a dos seus labios, e lê-la nos seus olhos.

«Ama-me, ama-me», pensava elle, e elle, como um covarde, como um patife, faltar á primeira entrevista que ella lhe tinha promettido!

«E porque será, cogitava elle, com as lagrimas a cahirem-lhe por entre as palpebras cerradas, que os nossos mais ternos e melhores impulsos nos custam muito mais caros do que todos os nossos egoismos e todos os nossos vicios?»

Não teria sido melhor, até para a mesma creança, que elle a houvesse deixado afogar-se debaixo da barca? O que resultara do seu salvamento fôra apenas o ter ella penado umas dezoito horas mais.

«Procedamos como devemos» murmurou elle, servindo-se das expressões que muitas vezes tinha ouvido a sua mãe. «Deus nos dará a recompensa.»

Contou os minutos, segurando o relogio na mão a escaldar, até á chegada de Damer, e tomou docilmente o que lhe deu o creado, apesar de lhe ser penoso e difficil engulir.

«Como elle se demora!» pensava, inquieto. Tinha inveja ao outro dos momentos que passava na Ca'Zaranegra.

— Que lhe dissestes?—perguntou, anciosamente, quando Damer emfim voltou.

— Disse-lhe a verdade — replicou Damer, pondo o thermometro no sovaco do enfermo. Affligistes-vos e agitastes-vos, a febre augmentou.

— O que disse ella? Não está zangada nem offendida?

— Quem o pode estar com o infortunio da doença? E' claro que ella sabe que vos succedeu esta desgraça por causa da vossa propria loucura.

— Ella disse isso?

— Não; não posso affirmar que o dissesse. Mas não ha duvida que o pensou. Recommendou me dizer-vos que não vos agitasseis.

— Mais nada?

— Accrescentou — por amor de ella — disse Damer, com um sorriso ligeiro, frio. Falava verdada no que dizia; desdenhava os methodos vulgares de embuste e enganos. Scintillaram de alegria os olhos de Adrianis.

— Agradecido — disse com brandura, e a sua mão ardente apertou a do seu amigo.

— Desejo escrever-lhe — accrescentou. — Podeis desinfectar uma carta?

— Posso. Mas não façaes nenhum esforço. Vêde se podeis dormir.

Atravessou a sala, e cerrou as grades verdes de madeira; deu uma ordem a Stefanio, e metteu as mãos n'um liquido desinfectante; sentou-se depois e pegou n'um livro. Mas ler é que não poude. Via deante de si aquelle rosto pa.lido e aterrado que pouco antes se tinha erguido para o de elle, quando a voz de Veronica lhe tinha bradado: — Salvae o! E salval-o eis? Tendes tanta sabedoria, tanto poder. Haveis de o salvar por amor de mim.

Elle não lhe promettera cousa nenhuma; apenas lhe dissera concisamente, na linguagem da gente tola, que o resultado, viver ou morrer, estava nas mãos da divindade. Não lhe promettera nada; e a seu modo era sincero. Até esse tempo havia feito tudo o que a sciencia e a experiencia podiam suggerir para combater a doença.

Adrianis tinha escripto a lapis, com intervallos, varias missivas para ella; pouco claras, frouxamente rabiscadas, mais ainda coherentes. Apontava para cada uma de ellas, quando estava escripta, e olhava para o seu amigo com olhos supplicantes. Não podia falar, porque a falsa membrana lhe tomava a garganta. Damer pegou nos bilhetes.

— Para a condessa Zaranegra? — perguntou.

Adrianis fez signal de mudo assentimento. Damer levou esses pedaços de papel para a sala contigua, leu os, em seguida desinfectou-os e mandou os ao seu destino. Era dotado de temperamento demasiado altivo para empregar as pequenas artes usuaes do traidor.

De uma vez ella escreveu-lhe em resposta.

O que elle fez tres vezes.

— Não vejo bem, tenho a vista fraquissima.

Adrianis, quando lhe entregaram a carta, traçou no sobrescripto a lapis:

— Lêde m'a.

Damer abriu a e leu em voz alta. Era breve, timida, simples, mas de ella resumava uma intensa afflicção. Adrianis pegou-lhe e encostou-a á face com um sorriso de ineffavel tranquillidade. Parecia dar lhe maior segurança á existencia.

Damer sentou se á cabeceira da cama, e observou-o.

Acreditou que elle se restabeleceria.

Adrianis dormiu socegado, com a face encostada á carta, como a creança adormece com um brinquedo favorito sobre o travesseiro.

Damer chamou um medico da cidade e duas irmãs da caridade para substituirem Stefanio, que se arreceou do risco da sua vida, e já não queria abeirar-se do leito.

— Mandae chamar minha mãe — disse Adrianis com a voz alterada, quando acordou.

— De certo — respondeu o seu amigo. A doença, que tinha progredido em Adrianis, não era d'aquellas que esperam. Mas Damer telegraphou só para o palacio de Adrianis em Palermo, e sabia que não era provavel que ella estivesse n'aquella cidade durante o calor do fim de junho.

O telegramma podia ser ou não ser expedido; as casas italianas são descuidadas n'estes casos.

Mas, quando elle murmurava repetidas vezes: —Mandae chamar minha mãe, — Damer, com a consciencia limpa, podia responder: «Telegraphei.»

(Continúa). ALBERTO TELLES.

Visconde de Ponte Ferreira

As nacionalidades tem o calendario dos seus heroes, daquelles que exposeram a vida e se sacrificaram pela causa da patria, ora para lhe defender e manter a independencia, ora para conquistar as liberdades publicas e á sombra dellas caminhar ovante na senda dos progressos humanos.

Portugal conta muitos de seus filhos queridos que se sacrificaram pela independencia e liberdades patrias e não poucos jazem esquecidos, no anonimato das suas modestas condições sociaes, sem um descendente, sem um amigo, que avive a memoria dos que de ha muito repousam sob a lousa, onde foram descançar da tremenda luta que agitou sua vida, no cumprimento dos sagrados deveres civicos, quando a patria precisou do seu esforço e abnegação para bem a servirem.

E' de um destes filhos queridos, que hoje vimos avivar a memoria, agora que passou o centenario do seu nascimento. E' do visconde de Ponte Ferreira, José de Azevedo Pereira da Silva, um velho veterano da liberdade, que por ella combateu, e que foi um dos bravos do Mindelo, que mais se distinguiu por seu valor, na defeza da causa liberal.

Foi no dia 17 do corrente que passou o centenario do nascimento deste grande patriota, que nasceu na cidade do Porto a 17 de Outubro de 1808, e que, abandonando a vida monastica a que seus paes o queriam destinar, e entusiasmado pelas ideias liberaes que agitavam o país, correu a alistar-se no batalhão Academico, mal contando 20 annos de idade.

Seguiu a sorte varia da revolução e com o general Pizarro, depois marquês de Sá da Bandeira, emigrou para Espanha, donde a custo conseguiu embarcar na Corunha e passar a Plimouth a juntar-se aos seus compatriotas emigrados, em que se contava o marquês de Saldanha. Frostrada a primeira expedição comandada por este valente general, em socorro da ilha Terceira, organisou-se uma segunda para a qual foram escolhidos os mais valentes e entusiastas caudilhos da liberdade, que ali se encontravam, e Pereira da Silva foi um desses. Os menos versados na historia Liberal, não desconhecem, contudo, o que foi a luta na ilha Terceira pelos que seguiam a causa de D. Maria da Gloria, e os que defendiam o trono de D. Miguel, e não foi sem os maiores sacrificios e lances de verdadeiro heroismo, que os liberaes ali conseguiram triunfar e depois vieram, na celebre expedição dos 7:5 o, desembarcar na praia do Mindelo, para continuar no continente a luta sangrenta.

Pereira da Silva aparece em toda essa luta, sempre na brecha, como dos primeiros a expôr se aos perigos da guerra e a quinhoar das suas glorias. Entretanto cahiu gravemente ferido no reconhecimento da Cruz da Regateira, em 17 de novembro de 1832.

Vem depois a celebre batalha de Ponte Ferreira, de 22 a 23 de julho, e nella toma parte Pereira da Silva, mal restabelecido de um resfriamento que tivera em consequencia de andar metido na agua até ao peito, no rio Ferreira, em perseguição do inimigo. Os prodigios de valor praticados naquella batalha, foram devidamente apreciados por D. Pedro IV, o qual querendo destinguir com a Torre e Espada o voluntario que mais se houvesse ividenciado na acção, foi José de Azevedo Pereira da Silva o indigitado, por unanimidade de votos dos seus companheiros de armas, para receber aquella mercê.

Este facto val mais do que tudo quanto aqui escrevessemos para realçar a memoria de Pereira da Silva, que depois de ter deposto as armas, quando já alferes do 1.º batalhão nacional de Vila Nova de Gaia, ao terminar a campanha liberal, voltou á brecha em 1846 como tenente-coronel do batalhão de empregados publicos, no Porto, em defeza da Carta Constitucional.

O voluntario das Campanhas da Liberdade, tanto expoz a vida ás balas, como aos rasgos humanitarios do seu coração bom e generoso, e assim elle praticou actos de verdadeira coragem e abnegação, quando, sendo guarda-mór da Alfandega do Porto, no salvamento dos naufragos do vapor *Porto*, em 1853. Isso lhe valeu ser elevado ao grau de oficial da Torre e Espada, por D. Maria II.

Assim foi este benemerito cidadão que serviu a patria durante 57 annos, aposentando se dos serviços publicos em 1885, e falecendo com 84 annos a 9 de junho de 1892, entre os carinhos da familia, em que se conta seu filho o sr. Visconde de Ponte Ferreira, que estremece a memoria honrada de seu pae.

José de Azevedo Pereira da Silva foi agraciado poucos annos antes de falecer com o titulo em duas vidas de Visconde de Ponte Ferreira, que seria o mais grato para o seu coração, recordando lhe o logar das suas maiores glorias.

C. A.

O MEZ METEOROLOGICO

Setembro 1908

Barometro. — Max. altura 767mm,4 em 16.
» Min. » 760mm,6 em 19.

A pressão conservou-se em geral uniforme, sendo o nivel da differença apenas de 6mm,8 o affastamento menos sensivel que tem havido n'este mez, desde a fundação do observatorio.

Thermometro. — Max. altura 29°,1 em 27.
» Min. » 12°,9 em 10.

Temperatura elevada até 9, com maxima n'este dia egual a 28°,4 — Na tarde do dia citado, houve um abaixamento de temperatura, das 3 horas da tarde ás 9 horas da noite de 10°,3 (3 horas 27°,8 - 9 horas da noite 17°,5) o que é pouco vulgar no nosso paiz. — Em 10 e 11, tempo fresco demasiadamente para a epoca, nova elevação branda de temperatura até 22, descida de alguns graús até 25, e subida repentina, pelos ultimos dias do mez, produzindo-se a mais alta temperatura em 27, com tempo abafado, e indicios de trovoada. — E' um dos mezes mais anormaes de setembro, que se conhecem. — A elevada temperatura dos ultimos dias do mez a um nivel superior a todo o restante mez é um facto digno de ser registado. — A onda de calor que invadiu Portugal, foi geral em toda a Europa onde se registaram temperaturas quasi exageradas nos ultimos dias de Setembro.

A temperatura media mais elevada foi em 30 de 22°,66, caso até hoje, não repetido em egual mez.

Chuva — 1mm,5 em 14 — E' o mez de setembro mais secco que houve em Lisboa desde 1873, anno em que não choveu em setembro.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 20 dias.
» Nublado 9 dias.
» Encoberto 1 dia.

A nebulosidade foi quasi semelhante á de agosto.

Trovoada. — Em 14.

Este mez foi, pois, como se vê anormal na pressão barometrica, na temperatura, na quantidade da chuva e na nebulosidade.

CIENCIA MODERNA

O TELESTEREÓGRAFO E O SEU INVENTOR

Ainda não ha muito tempo falámos n'esta mesma revista, do processo Korn para a transmissão da fotografia a distancia e já hoje temos de nos ocupar de uma nova maneira que obtem os mesmos resultados, de uma forma diversa, imaginada por Eduardo Belin. O processo do notavel engenheiro francez é completamente divergente d'aquelle que foi adótádo pelo eximio professor allemão e posto em prática, dá os mesmos, senão melhores resultados, do que este ultimo, como se poderá vêr da gravura que publicamos. — Pondo de parte, o selenio, que foi empregado por Korn, Belin utilisa a propriedade das fotografias pelo processo a carvão para chegar ao mesmo fim, processo que como se sabe, deixa, nas imagens, uns relevos mais ou menos altos conforme a intensidade da luz que incidiu sobre ellas.

EDUARDO BELIN

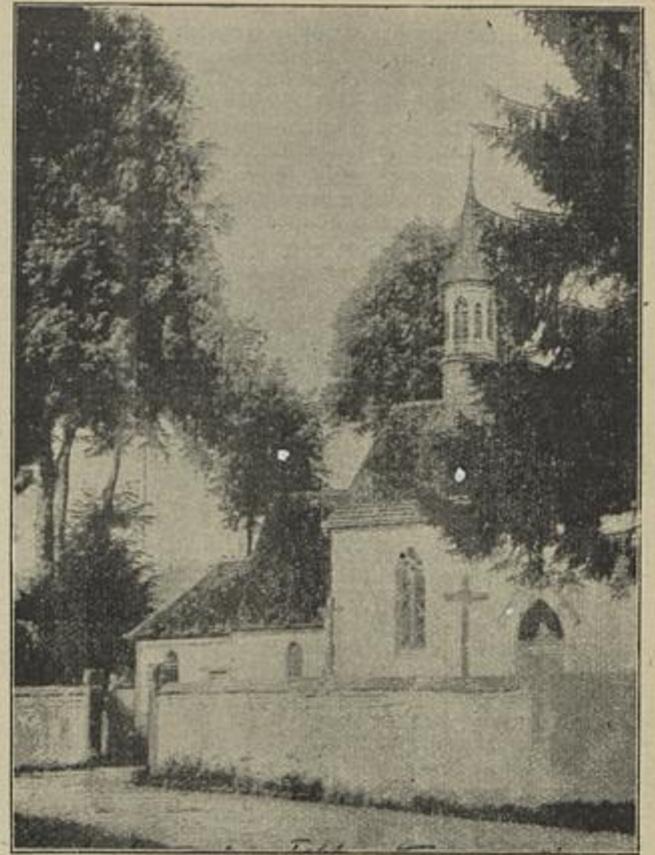
Eis como, na sumula, Belin chegou a realisar o seu processo.

Obtida a prova a carvão, enrolou esta n'um cilindro que se move em torno do seu eixo, o qual faz girar a fotografia levemente tocada por uma ponta de safira soffrendo movimentos que uma alavanca especial, existente perto do eixo, vae ampliando. Essa ponta de safira gradúa a intensidade da corrente elétrica, por meio de um *rheostato* qué a ella se liga, resultando as sombras dos desenhos serem transformadas em uma escala de correntes de intensidades variaveis consoante o sombreado da fotografia.

Isto quanto ao posto transmissor.

No posto recéptor, o fenomeno passa-se de uma fórma inversa, isto é são as correntes elétricas que por seu turno se transformam em intensidades luminosas facilmente obtidas por meio de um oscilógrafo do espelho de Blondel. Os raios de luz incidindo no espelho são levados a uma lente convergente, onde, perto d'ella, ha uma escala de côres, desde o negro ao transparente absoluto, da esquerda para a direita, e assim, o raio da luz se colora mais ou menos intensamente conforme a lamina de vidro da escala colorimetrica a que fôr incidir.

Esse raio luminoso passa em seguida por uma camara escura, onde existe uma chapa fotografica que se impressiona reproduzindo a fotografia que foi transmittida a distancia.

Com o seu aparelho já Belin, obteve resultados surprehendentes, sendo a fotografia que publicamos, obtida por este processo, feita a 1:500 kilometros de distancia. Belin calcula obter identicos resultados até cerca de 2:000 kilometros de distancia entre o posto transmissor e recéptor. Oxalá que as suas previsões se realisem.

A FOTOGRAFIA A 1:500 KILOMETROS DE DISTANCIA, PELO TELESTEREÓGRAFO

ANTONIO A. O. MACHADO.